

A POLÊMICA DO ABORTO NA IMPRENSA

JACIRA MELO

Durante 1996 e 1997 o tema do aborto freqüentou com regularidade as páginas dos principais jornais do país. Nesse período, a pesquisa Aborto e Mídia¹ acompanhou diariamente a cobertura da temática do aborto nos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Em 1996, foram publicadas nestes quatro grandes jornais 368 matérias tratando exclusivamente do tema do aborto, que ocuparam o espaço equivalente a 34 páginas de jornal de formato *standard*. Em 1997, o número de matérias dedicadas ao tema simplesmente dobrou, tendo sido publicadas nos quatro jornais pesquisados 767 matérias que, somadas, ocupariam 83 páginas de jornal.

Após a aprovação do Projeto de Lei n.º 20/91 - que dispõe sobre a obrigatoriedade de atendimento pelo SUS dos casos de aborto previsto em lei - pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, no segundo semestre de 1997, o debate sobre o aborto legal produziu um volume de matérias sem precedentes nesses dois anos de pesquisa. Sob o impacto da aprovação do PL 20/91 e de uma sucessão de manifestações favoráveis e contrárias à regulamentação dos casos de aborto já previstos no Código Penal, diversos atores políticos e sociais mantiveram o tema do aborto nas primeiras páginas dos jornais por mais de 30 dias. Foram aproximadamente 300 matérias, cujo espaço total somado equivaleria a 40 páginas de jornal. Durante os dois anos de pesquisa, a imprensa ainda não havia dedicado tanto espaço à cobertura do debate sobre o tema do aborto em tão curto período de tempo.

Ao longo desses dois anos, a cobertura da polêmica sobre o direito à

¹ A pesquisa Aborto e Mídia se propõe a examinar a cobertura dedicada ao tema do aborto no noticiário diário dos quatro principais jornais do país - *Estado*, *Folha*, *JB* e *Globo* - a fim de conhecer as principais características da cobertura, os atores sociais que participam dos debates através da mídia e os argumentos favoráveis e contrários que utilizam. Procura-se ainda identificar os principais eventos noticiosos que determinaram um aumento da cobertura jornalística sobre o tema.

² Com relação aos dados referentes ao ano de 1997, as informações aqui apresentadas são preliminares, pois o mês de dezembro ainda está sofrendo processamento.

interrupção da gravidez ficou circunscrita ao chamado aborto legal em casos de estupro e risco de vida da gestante. O ano de 1996 foi marcado pela cobertura dos debates sobre o PL 20/91 na Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados e da extensa discussão em torno da Proposta de Emenda Constitucional-PEC 25/95, que pretendia proibir o aborto em qualquer circunstância. Já a cobertura de 1997 foi fortemente influenciada pelos debates em torno da regulamentação do aborto previsto por lei e pela visita do papa ao Rio de Janeiro.

Novos protagonistas do debate

Apesar dos limites do debate travado através da mídia, pôde-se observar algumas novidades. Um dos principais destaques da cobertura foi que a demanda pelo direito ao aborto não é mais um discurso protagonizado apenas por feministas. O debate sobre aborto na mídia impressa, nesses dois anos de monitoramento, contou com a participação ativa de juizes/as, advogados/as, profissionais de saúde e parlamentares. Uma outra tendência verificada na cobertura foi a intensa participação, nos debates em favor do aborto legal, de entidades representativas da classe médica como o Conselho Federal de Medicina e a Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, e em especial dos profissionais de saúde vinculados aos hospitais da rede pública de saúde que prestam serviços de aborto. Também protagonizaram os debates juizes de diferentes cidades do país que concederam autorizações judiciais para a realização de abortos em casos de malformação fetal ou estupro de menor.

Pode-se observar, nas idas e vindas da polêmica sobre o aborto legal na imprensa, uma evolução do debate. A cada posicionamento de um novo ator social que entrava em cena percebia-se uma maior qualidade dos argumentos e maior firmeza nas declarações. As novas falas públicas foram em geral favoráveis ao direito ao aborto, merecendo destaque especial as declarações defendendo a ampliação do aborto legal emitidas pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Celso de Mello.

A favor, contra ou neutra

Um dos achados mais significativos da pesquisa é que o posicionamento favorável ao direito ao aborto ocupa uma média de 45% do espaço dedicado à cobertura sobre o tema. As matérias (editoriais, artigos, cartas de leitores, entrevistas, notícias e notas de colunistas) publicadas nos quatro jornais monitorados foram classificadas como favoráveis, contrárias ou neutras em relação ao direito ao aborto. Do espaço total dedicado ao tema em 1996, 46% eram favoráveis ao direito ao aborto, enquanto 28% eram dominados pela posição contrária e 26% mostravam-se neutros. Em 1997, essa tendência da cobertura se manteve: 44% do espaço dedicado ao tema mostram-se favoráveis ao direito ao aborto, 25% contrários e 31% neutros. Entre os jornais pesquisados, somente *O Globo* apresentou em 1996 um ligeiro predomínio do posicionamento contrário. Já em 1997, *O Globo*, além de apresentar uma cobertura contínua e intensa sobre o tema do aborto, sendo o segundo jornal

a dedicar maior espaço ao debate, também inverte a tendência da sua cobertura, apresentando maior espaço favorável ao direito ao aborto legal.

Tendência da cobertura³			
1996	favorável 46%	contrária 28%	neutra 26%
1997	favorável 44%	contrária 25%	neutra 31%

Com base no monitoramento da cobertura noticiosa de origem nacional dos jornais *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*.

Ao se detalhar a análise sobre a tendência da cobertura (ver tabela a seguir), observa-se que o material produzido a partir de iniciativa direta dos jornais - editoriais, notícias, entrevistas e notas de colunistas - foi em 1996 majoritariamente favorável ao direito ao aborto (51%). Em 1997, há um maior equilíbrio entre as posições favorável e neutra.

Com relação aos artigos publicados nas seções de opinião, em 1996 a tendência era majoritariamente contrária ao direito ao aborto. Em 1997, há uma inversão dessa tendência, com o posicionamento favorável predominando nos artigos assinados.

Nas seções de cartas que os jornais abrem para que a sociedade possa debater questões polêmicas, durante dois anos consecutivos as cartas que abordam o tema do aborto foram em sua maioria desfavoráveis. Isso significa dizer que, em termos de mídia impressa, no espaço aberto pelos jornais para o debate da sociedade, a batalha pelo direito ao aborto está sendo perdida.

O único momento em que as vozes do feminismo conseguiram ocupar com destaque os espaços de cartas de leitores dos jornais, revertendo sua tendência desfavorável ao direito ao aborto, foi durante a visita do papa ao Rio de Janeiro, em outubro de 1997. A partir de uma estratégia trabalhada pela Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos-RedeSaúde e pelas Católicas pelo Direito de Decidir, as matérias sobre aborto eram repassadas para ativistas de diferentes estados, que eram estimuladas a expressar suas posições nas seções de leitores. Como resultado desse trabalho observou-se, durante o período no qual a visita do papa freqüentou o noticiário, que as seções de cartas publicaram um número inédito de correspondências favoráveis ao direito ao aborto. E, o mais importante, a entrada em cena das ativistas feministas nas seções de cartas contribuiu para uma diversificação dos argumentos sobre a questão do aborto.

³ Como é aferida a tendência em relação ao direito ao aborto: enquanto nas matérias opinativas (editoriais, artigos assinados e cartas de leitores) o posicionamento do autor em relação ao direito ao aborto é em geral bastante claro, nas matérias informativas (notícias, reportagens e entrevistas), o posicionamento é aferido a partir das fontes que foram procuradas pelos jornalistas, da forma como foram apresentados seus argumentos, e de outros aspectos, como por exemplo o destaque que tenha sido dado a eventuais estatísticas acerca dos números de abortos inseguros e suas conseqüências sobre os indicadores de mortalidade materna.

Tipo de material jornalístico x Tendência	Favorável		Contrária		Neutra	
	1996	1997	1996	1997	1996	1997
Iniciativa editorial (editoriais, notícias, entrevistas e notas de colunistas)	51%	40%	10%	21%	39%	39%
Espaço aberto artigos assinados	39%	64%	58%	30%	3%	6%
cartas de leitores	35%	41%	57%	55%	8%	4%

Com base no monitoramento da cobertura noticiosa de origem nacional dos jornais *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*.

O tom da cobertura

Nos anos de 1996 e 1997, o aspecto mais positivo que a grande imprensa apresentou com relação ao tema do aborto foi a manutenção de uma cobertura contínua e diversificada. Embora centradas no debate legislativo, as matérias de caráter mais noticioso buscaram ampliar o espectro da cobertura, destacando informações sobre os serviços de aborto legal ou sobre autorizações para a realização do aborto em casos de anomalias fetais. E, apesar de o principal enfoque da cobertura haver se mantido inalterado - a discussão sobre o cumprimento e a regulamentação do aborto legal -, a cobertura moveu-se essencialmente no campo das fontes e dos seus argumentos. A cada novo evento noticioso de repercussão nacional sobre o aborto, os/as jornalistas buscavam um leque mais diversificado de fontes e referências.

Um outro aspecto importante a ser destacado é que a cobertura do debate sobre aborto entrou na pauta de destacados repórteres da área política e dos chamados articulista de primeira linha, que tratam em suas colunas de temas políticos e assuntos de interesse nacional. O tema do aborto também foi abordado com destaque por repórteres das seções de comportamento, saúde e ciência.

Uma constatação menos positiva: a imprensa ainda tem na hierarquia da Igreja Católica uma referência **imprescindível** para as matérias sobre aborto. Observa-se que, mesmo nos casos em que a notícia sobre aborto esteve concentrada no campo legislativo, judiciário ou da saúde, os repórteres recorreram aos representantes da hierarquia católica como fonte de informação e, principalmente, de opinião.

O debate sobre legislação abre espaço

Entre os principais fatos noticiosos que colocaram o tema do aborto nas primeiras páginas dos jornais estão os projetos em tramitação no Congresso Nacional. A cobertura da imprensa nesses dois anos de pesquisa mostrou-se fortemente influenciada pelo debate sobre aborto no campo legislativo. As matérias enfocando as discussões em torno do PL 20/91, da PEC 25/95 e de outros projetos de lei representaram aproximadamente 40% da cobertura em 1996, e 60% em 1997. Assim,

pode-se dizer que o tema do aborto vem conseguindo uma boa entrada na mídia via debate legislativo.

No *ranking* de espaço ocupado também se destacaram as matérias que tratam do aborto a partir de uma perspectiva jurídica. O grande destaque nessa categoria são as autorizações concedidas por juizes de diferentes cidades do país, como Londrina, Belo Horizonte, Maringá e Rio de Janeiro, para pedidos de aborto em casos de malformação fetal ou estupro de menor. Essas notícias fizeram parte da cobertura dos quatro jornais e geraram vários desdobramentos, como reportagens em profundidade e cartas de leitores, que discutiam, além de questões jurídicas, outros aspectos envolvidos, como os direitos reprodutivos ou implicações de ordem médica, quando era então ouvida uma maior diversidade de fontes e opiniões.

O debate ético-religioso e as católicas feministas

Nos diversos episódios noticiosos em que o tema do aborto freqüentou os principais jornais do país, os representantes da hierarquia da Igreja Católica trabalharam em um único sentido: o da repetição de seus já conhecidos argumentos contrários ao direito ao aborto. E é preciso reconhecer que, ao longo dos últimos anos, em função da pressão da CNBB e da bancada religiosa formada por deputados católicos e evangélicos, os diversos embates no Congresso sobre o aborto legal produziram mais discussões acaloradas do que um posicionamento mais sério por parte dos congressistas.

Em relação à imprensa, é importante ressaltar que vários representantes da hierarquia da Igreja - como o presidente da CNBB, D. Lucas Moreira Neves, o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugenio Sales, e D. Luciano Mendes de Almeida - dispõem de espaço semanal na seção de opinião dos quatro principais jornais do país, onde assinam artigos em que, sempre recorrendo ao argumento da defesa da vida, condenam a prática do aborto em qualquer circunstância.

No período pesquisado, o principal destaque da cobertura sobre aborto do ponto de vista do debate ético-religioso foi a consolidação do ator social **católicas feministas**. Observa-se que nos vários episódios que trouxeram o tema do aborto para o topo da pauta dos jornais as Católicas pelo Direito de Decidir figuraram no noticiário como organização de grande credibilidade, isto é, como fonte de informação qualificada. A poucos dias da visita do papa, o jornal *Folha de S. Paulo* anunciava: "as Católicas, que têm representantes em diversos países, é o grupo que mais vem criando embaraços à posição conservadora do Vaticano".

As falas cautelosas evidenciavam o extremo cuidado das Católicas ao articularem necessidade, direito e autonomia no campo reprodutivo. Maria José Rosado, coordenadora das Católicas no Brasil, declarou na imprensa: "Nós nos sentimos tristes de ver a nossa Igreja se posicionando contra a vida das mulheres... na medida em que setores da Igreja se posicionam contra uma lei que diminuiria a altíssima mortalidade materna, eles se posicionam contra a vida. Negam a tradição da Igreja de estar ao lado dos pobres, que são as maiores vítimas".

Ao considerarmos que a cobertura da imprensa nesses dois anos esteve circunscrita ao campo do debate sobre o aborto legal, é preciso destacar que a

correlação de opiniões tem sido desfavorável para a hierarquia da Igreja Católica. O episódio noticioso de maior impacto neste sentido foi a publicação, em 1997, com destaque nas primeiras páginas, de pesquisas de opinião indicando o apoio de católicos ao aborto legal. Essas pesquisas foram encomendadas pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*. *O Estado* de 28 de agosto anunciava: "Mais de 80% dos católicos apoiam aborto legal". *O Jornal do Brasil*, a quatro dias da chegada do papa ao Rio de Janeiro, estampou a manchete: "Católico é favorável ao aborto". Segundo a reportagem, os católicos do Rio de Janeiro discordam da posição da Igreja sobre temas polêmicos como aborto e celibato. A pesquisa revela que 76% das famílias do Grande Rio que se declaram católicas apostólicas romanas são favoráveis ao aborto em casos de estupro e risco de vida da gestante.

Discurso feminista sintonizado com o aborto legal

Nos últimos dois anos, o debate sobre o direito ao aborto através da mídia vem sendo travado no campo conservador. Discute-se essencialmente o direito ao aborto em caso de estupro ou risco de vida da gestante. Essa circunstância acabou definindo o tom contido das vozes públicas feministas que tem sido observado através da cobertura dos jornais. Não entrou em pauta a discussão sobre a legalização do aborto. Nesse embate mediado pela imprensa não houve lugar para o histórico *slogan* "Nosso corpo nos pertence".

É importante que se diga que a manutenção do debate no campo do aborto legal aparece como uma escolha estratégica das mulheres feministas. A ênfase na implantação dos serviços de atendimento dos casos de aborto previsto por lei mostra-se como um componente fundamental da agenda mais ampla da RedeSaúde e dos grupos feministas. Ao mesmo tempo, optar por direcionar as falas públicas feministas essencialmente ao campo do aborto legal significava atuar com o respaldo da opinião expressa nas pesquisas realizadas pelos jornais em São Paulo e no Rio, buscando ainda dialogar com o Congresso Nacional.

Haveria espaço na mídia impressa para uma abordagem posicionada no campo do direito ao aborto como direito reprodutivo, como o direito de decidir interromper ou prosseguir uma gravidez não desejada? Decerto que sim. Mesmo considerando que o espaço onde se desenrolava o debate sobre o direito ao aborto era fortemente marcado pelo posicionamento contrário da hierarquia da Igreja Católica. A demanda efetiva pela legalização ou descriminação do aborto poderia ter freqüentado ao menos as páginas de opinião dos jornais, reservadas para artigos assinados. Não obstante, vale ressaltar que ativistas e pesquisadoras feministas foram fonte e referência da maioria das matérias sobre aborto publicadas nos principais jornais.

Revista *Veja* muda radicalmente foco da cobertura

A 15 dias da visita do papa, a revista *Veja* (edição de 17 de setembro) trouxe a reportagem de capa "Eu Fiz Aborto". Enquanto todos os demais veículos de

comunicação tratavam do tema do abortamento sob o filtro do aborto legal, a maior revista semanal do país abordou a questão do aborto no campo dos direitos individuais, da autonomia da sexualidade feminina e do direito da mulher de decidir sobre a continuidade ou não de uma gravidez não desejada. Foram entrevistadas dezenas de mulheres - entre atrizes, cantoras, intelectuais, operárias, domésticas e donas-de-casa -, que relataram suas experiências com a prática do aborto.

O que teria levado a revista de maior prestígio do país a romper com a cobertura tradicional, referenciada na fala de juizes, religiosos, parlamentares, médicos e até mesmo feministas, que naquele momento debatiam o aborto legal, para fazer uma reportagem de capa apoiada no depoimento de mulheres sobre a vivência do aborto? Na apresentação da matéria a seus leitores *Veja* argumenta que "ficaram de fora da polêmica aquelas que têm tudo a falar sobre o assunto - as mulheres que fizeram aborto".

E pela repercussão que a reportagem gerou junto aos leitores e leitoras da revista, é possível dizer que existe hoje uma maior margem na sociedade e na própria imprensa para o avanço no debate sobre o aborto enquanto direito individual.

A polêmica do aborto	
A repercussão da reportagem de capa sobre o aborto ("Nós fizemos aborto", 17 de setembro) revelada em cartas enviadas à redação mostrou que os leitores estão divididos sobre a questão. Mas mostrou também que a maioria a favor é esmagadoramente de mulheres.	
A favor	Contra
Mulheres: 156	Mulheres: 83
Homens: 38	Homens: 100
Total: 194	Total: 183

Publicado na seção de cartas da revista *Veja* de 15/10/97.